



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE ISSN 2763-8928

**A CRISE DO “DESENVOLVIMENTO”: COMO TER FÉ NO FUTURO MATANDO A TERRA
PÁTRIA, NOSSA CASA COMUM?**

***THE CRISIS OF "DEVELOPMENT": HOW TO HAVE FAITH IN THE FUTURE BY KILLING THE
HOMELAND, OUR COMMON HOME?***

***LA CRISIS DEL "DESARROLLO": ¿CÓMO TENER FE EN EL FUTURO MATANDO LA PATRIA,
NUESTRA CASA COMÚN?***

MORIN. Edgar Morin e KERN. Anne Briitte Kern – Terra Pátria. Porto Alegre, RS: Editora Sulina – 2003, 181 p.

Gleilson Medins¹

<https://doi.org/10.47820/acertte.v2i7.89>

Sociólogo e filósofo francês, Edgar Morin, nasceu em Paris, em 1921. Em sua extensa obra, o teórico faz duras críticas à compartimentalização dos saberes e à sua excessiva especialização. Ele defende que a ciência e os cientistas devem olhar os saberes não a partir de suas particularidades, separando cada um dos saberes, cada uma das áreas científicas, mas analisar o saber como um todo, numa complexidade, em uma espécie de teoria da complexidade, contrapondo-se ao positivismo e suas ideias e ciências particulares que emergiram a partir da revolução científica moderna do século XVII.

Apesar de não se considerar o “pai da Complexidade”, Morin é visto como uma das principais referências do Pensamento Complexo, uma corrente teórica que tem conquistado cada vez mais adeptos no último século. O francês se intitula um “pirata do saber”, e não se utiliza da Complexidade como orientação científica ulterior e dogmática. Prefere guiar-se a partir das diversas nuances (inter, multi e transdisciplinares) do pensamento complexo para tencionar novas alternativas dentre as formas limitadas, abrangentes e/ou generalizadas da complexidade.

Terra Pátria é, originalmente, um ensaio publicado na França no ano de 1993. A obra foi adaptada para livro por intérpretes de várias partes do mundo. Nesta obra, Edgar Morin sugere a reestruturação das ideias e dos conhecimentos para se enxergar e compreender a crise universal que se instaurou no planeta, ou seja, na Terra Pátria, nossa casa comum. Nessa seara, nota-se que as civilizações espalhadas pelo mundo carecem prementemente de relações complexas saudáveis de interdependência em todos os aspectos, para que seja possível a consolidação de uma

¹ Doutorando em Comunicação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Bacharel em Comunicação Social/ Jornalismo pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Membro do Grupo de Pesquisa em Comunicação e Imaginário (Imaginalis/UFRGS) e do Grupo de Pesquisa em Documentos Audiovisuais e Iconográficos (Imago/UFAM). ORCID id: [0000-0003-4104-5507](https://orcid.org/0000-0003-4104-5507) E-mail: gleilsonmedins@ufam.edu.br



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE ISSN 2763-8928

consciência plural solidária sobre a necessidade dessas inter-relações entre a humanidade e o cosmo. O pensamento morraniano é sempre um instrumento elucidativo (didático e filosófico) no enfrentamento à fragmentação dos saberes quando a pauta são as questões ambientais, seja no plano científico, educacional e/ou social.

O texto também disserta sobre os desdobramentos da crise em que vivemos, das ambições do homem moderno e pós-moderno acerca do seu ideário desenvolvimentista que subjuga o papel da natureza e a irresponsabilidade humana frente à conservação, manutenção e a (boa) condução/construção da Terra Pátria, que precisa ser estruturada pela reformulação do pensamento. Nesta obra, o autor também nos leva à compreensão de que é ilusória a ideia de cultura global comum, imposta pelo advento da globalização, que se consolidou no final do século XX.

Morin explica, que, ironicamente, a globalização separou ainda mais as nações e as pessoas, pois, trouxe ainda mais fragmentação (nas relações sociais e no conhecimento científico) por conta das imposições de soberania, criando diversos impeditivos para o nascimento de uma sociedade-mundo.

Desta feita, Morin vê a nação como emancipadora e déspota, pois os movimentos da globalização não são heterogêneos, gerando (e otimizando), portanto, muita desigualdade social e a expropriação acelerada dos recursos naturais mundo à fora. Afinal de contas, a lógica desenvolvimentista do pensamento industrial é perversa, desigual. E é por isso que Morin fala em solidariedade das culturas planetárias, e sugere três caminhos possíveis: sustentabilidade, responsabilidade e esperança.

Mas para isso, o autor destaca que precisamos “recuperar a vida”, ou seja, resgatar valores que foram gravemente comprometidos nas sociedades a partir dos desdobramentos pós-guerras e revolução industrial. Esses movimentos históricos mudaram e/ou reformularam drasticamente o modo de vida (físico e simbólico) dos grupos sociais. Então, ao longo do processo civilizador novas demandas foram criadas e recriadas para o ordenamento social, sob a égide do pensamento capitalista-desenvolvimentista dominante.

A partir disso, o mundo (sobretudo em termos ambientais) sofreu bastante e o indivíduo humano perdeu de vista a capacidade de preocupar-se com questões simbólicas que incidem, na prática, na manutenção da vida no planeta. Sendo assim, Morin nos diz que será possível recuperar a vida se conseguirmos praticar a solidariedade de forma efetiva e eficaz. E para planejar e executar este comportamento, o autor afirma que é preciso garantir a prática do diálogo, sendo esta a única forma de resgatar valores, outrora, usurpados.

Mesmo frente ao protagonismo da ciência resultadista e desenvolvimentista que embala este século sob a sombra fresca do ideário capitalista, o autor ainda insiste (de forma utópica talvez, porém necessária) que sejam ativadas novas conexões entre natureza e cultura, para que os indivíduos humanos (inclusive por meio do conhecimento científico multidisciplinar) tomem ciência de si e do seu papel no planeta. E desta forma, obscureçam comportamentos submissos e covardes que os tempos



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE ISSN 2763-8928

modernos nos implicam, como o medo, o individualismo e a resignação forçada que a sociedade da inércia intelectual forjou a partir da subserviência tecnológica e consumista.

Edgar Morin não sugere que voltemos à Idade da Pedra, mas propõe uma reformulação na forma de pensarmos a tecnologia. Uma forma de religarmos os saberes a fim de descobrir a forma mais cooperativa possível de coexistirmos no mundo, independentemente do totalitarismo globalizante hegemônico e do tipo de cultura predominante. Pois, à medida que compreendemos que somos todos produtos plurais de uma natureza multiforme e engrenagens de múltiplos ecossistemas (bio-ecológicos e sociais), faremos, naturalmente, de nossa interdependência a tábua de salvação para a Terra Pátria, nossa casa comum.

Com a elegância literária inerente a seus escritos (mesmo os mais ácidos), Morin lapida conselhos radicais que beiram a anarquia do pensamento, para deixar bem claro que a tomada de decisão deve ser drástica, insurgente e transgressora, porém, democrática, pacífica e agregadora. Como escreveu o professor Edgar de Assis Carvalho, à luz do pensamento morrianiano sobre a preservação da Terra Pátria: “é preciso acionar as comportas da revolta, canalizando-a para os objetivos éticos da solidariedade”.

Resumindo, para salvarmos a humanidade de si mesma (morte prematura da humanidade) e evitar a aniquilação da biodiversidade do planeta, e, de fato, civilizar a Terra, é preciso restaurar valores míticos, confraternizar com o campo simbólico das relações humanas, dialogando conjuntamente com a razão (desde que seja por meio de uma ética solidária). Começar pela provocação de diálogos complexos em ordem planetária, tencionar a ordem “normal” das coisas, sem imposições de pensamento ou violências. Praticar movimentos proativos que transcendam a poeira do mausoléu de ideias reprimidas que existe em nossas mentes. Não se sabe se isso nos garantirá paz ou salvação (neste ou em qualquer outro mundo), mas certamente, pode ser o início equitativo de uma nova forma de pensar nossa existência e resguardar a longevidade de nossa vida terrena.